DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO PRECOCE NO NEURODESENVOLVIMENTO INFANTIL: ARTICULAÇÃO ENTRE SAÚDE E FORMAÇÃO DOCENTE

Ana Clara Teles de Almeida[1], Karla Denise Barros Ribeiro Vasques [2], Moema Alves Macêdo[3]

Clarateles33@gmail.com [1] Karladenisebr@hotmail.com [2] Moema@leaosampaio.edu.br [3]

Centro Universitário de João Pessoa[1] Universidade Regional do Cariri [2] Centro Universitário Doutor Leão Sampaio[3]

Resumo: O neurodesenvolvimento infantil abrange processos complexos que impactam diretamente a aprendizagem, a socialização e a adaptação da criança ao ambiente escolar. Condições como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) manifestam-se com frequência na infância, tornando a escola um espaço central para a identificação de sinais precoces e para práticas pedagógicas inclusivas. Contudo, a falta de articulação entre condutas clínicas e gestão pedagógica pode fragilizar o processo de inclusão dessas crianças, gerando atrasos diagnósticos e sobrecarga docente. Diante desse cenário, este estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, a relevância do diagnóstico e da intervenção precoce para o desenvolvimento infantil, com ênfase na articulação entre profissionais de saúde e comunidade escolar como estratégia para subsidiar o trabalho docente e promover a inclusão. A metodologia consistiu em busca sistemática nas bases PubMed, SciELO e BVS, entre 2020 e 2025, utilizando os descritores “Neurodesenvolvimento”, “Autismo”, “TDAH”, “Educação” e “Inclusão Escolar”, combinados por operadores booleanos AND e OR, resultando em quatro estudos selecionados. Os resultados evidenciam que a sobreposição de sintomas entre TEA e TDAH frequentemente atrasa o reconhecimento diagnóstico correto, comprometendo a intervenção precoce. Constatou-se ainda que diretrizes estaduais de educação especial tendem a enquadrar o TDAH predominantemente como problema de saúde, numa lógica paternalista que limita a autonomia do aluno. No campo pedagógico, professores frequentemente recorrem a estratégias de inclusão baseadas no senso comum, e não em conhecimento clínico consolidado sobre o TEA, reforçando a necessidade de formação continuada e diálogo com a saúde. Destacou-se também o papel do docente como frequentemente o primeiro a identificar sinais de neurodivergência, antes mesmo da família. Conclui-se que a interface entre saúde e educação constitui pilar indispensável para a equidade e para o direito à aprendizagem. O fortalecimento dessa rede interdisciplinar amplia as ferramentas do professor,

reduz práticas paternalistas ou baseadas no senso comum, e consolida uma educação inclusiva fundamentada em evidências, reafirmando a formação docente como eixo central desse processo, apoiada pelo diálogo constante com a medicina. **Palavras-Chave**: Autismo; TDAH; Inclusão.